

Acerca dos pensamentos selvagens

Carlos de Almeida Vieira¹

Resumo: O autor faz considerações acerca do que Bion chamou de “pensamentos selvagens”, como uma experiência psíquica primitiva em que ainda não predominam a palavra e a comunicação verbal desta. Restos de um naufrágio cujos elementos não têm condições de formar vínculos e, consequentemente, pensamentos. Ainda no artigo, faz um *link* com a literatura, usando experiências vividas por Clarice Lispector em seu livro *Água viva*, assim como ensinamentos de Octavio Paz e Thomas Mann, no sentido de subsidiar a apreensão da realidade psíquica.

Palavras-chave: pensamentos selvagens, dissonância musical, antes do pensar, elaboração dos pensamentos através da escrita e comunicação literária

*A reflexão sobre o agora não implica renúncia ao futuro
nem esquecimento do passado: o presente é o
lugar de encontro dos três tempos.*

Octavio Paz (*A busca do presente e outros ensaios*)

Lendo e relendo o intrigante texto de W. R. Bion *Domesticando pensamentos selvagens* (2015), desafio qualquer leitor, ainda que psicanalista, a não sentir um estado de angústia, de perplexidade, de certa impotência e muitas dúvidas.

Ao mesmo tempo, o texto nos remete a uma curiosidade sana, buscando perguntas, questões profundas, principalmente no que toca

1 Psicanalista, médico, escritor; membro titular, analista didata e docente da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB); membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP); membro titular e analista didata da Sociedade Psicanalítica do Recife; ex-professor do Departamento de Psicologia e da Faculdade de Medicina da UnB.

ao “fazer analítico”, ao método de observação e a técnica, no sentido de ir em busca do indizível, do inefável, do que Clarice Lispector, no livro *Água viva* (1998), chamou de “atrás do pensamento”. É uma leitura difícil, densa, que desafia o analista no sentido das palavras de Bion: “O que me interessa agora são aqueles pensamentos selvagens que brotam e para os quais não há possibilidade de se traçar de imediato qualquer tipo de posse, ou mesmo de se vislumbrar a genealogia daquele particular pensamento”.

Note-se o dilema: não há possibilidade de se traçar de imediato nem vislumbrar a genealogia. Claro, estamos diante de algo que implica paciência, tolerância, capacidade de conter a angústia da dúvida, da incerteza e do mistério, como lembra Bion, a respeito do poeta J. Keats, em *Atenção e interpretação* (2007). O texto é angustiante, pois o próprio autor diz que não se sente satisfeito e está à procura de métodos outros. Logo adiante, nos fala de uma “escuridão maciça” e lembro os exercícios de São João da Cruz, autor por demais conhecido de Bion, quando descreve a passagem das “noites escuras às noites claras do espírito”.

De que estado de mente o analista necessita para apreender na “escuridão” fragmentos dos desastres psíquicos, dos traumas precoces de que Freud tanto falou, e do que o próprio Bion fala como “pensamentos extraviados”? Se essas experiências precoces foram forcluídas e, conseqüentemente, ficaram impossibilitadas de simbolização, que método tem o psicanalista para capturar, juntamente com seu analisando, os restos e fragmentos do desastre e posteriormente transformá-los em pensamento verbal?

Os pensamentos selvagens constituem uma poética dolorosa, escondida pelos elementos beta, para escutar e observar os quais talvez tenhamos de pedir ajuda aos poetas e autores da literatura, auxílio presente nas obras de Bion e de Freud. Freud nunca deixou de afirmar que tudo o que observou, tudo o que ouviu em sua clínica, os poetas já haviam apreendido antes. Bion também reconhece que, para bem exercer o método de observação analítico, é imprescindível utilizar o vértice estético-artístico para poder adentrar na realidade psíquica, mostrando também a importância do ofício artístico para subsidiar a escuta analítica.

Nessas mesmas conferências sobre o pensamento selvagem, há uma passagem em que o autor faz referência a Stravinsky, a quando ouviu pela primeira vez o balé *Petrouchka*: “senti tratar-se de algo incompreensível e pouco agradável, mas muito sofisticado”. Antes já havia relatado o quanto ficou eletrizado ao ouvir aquelas “comunicações rítmicas”. Bion estava insinuando que, para observar os pensamentos extraviados, a escuta é de sons, de música, de ritmos.

Coincidentemente, Clarice Lispector em *Água viva* cria um monólogo sobre a procura da escrita, escrevendo coisas desse tipo: “A harmonia secreta da desarmonia: quero não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz”; “Sim, quero a palavra última que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real”; “Será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta? Embora adivinhe que em algum lugar ou em algum tempo existe a grande resposta para mim”.

O “O” de Bion, a realidade última de Kant, o “It” de Clarice, o inconsciente freudiano, a música do silêncio, o não-verbal, os atos musculares dos analisandos são experiências muito primitivas, que Octavio Paz, em seu belo livro *A busca do presente e outros ensaios* (2017), sobre as quais vai dizer, considerando o diálogo do poeta lírico com o mundo: “nesse diálogo há duas situações extremas dentro das quais move-se a alma do poeta: uma de solidão, outra, de comunhão. O poeta parte da solidão, movido pelo desejo, na direção da comunhão”.

Ao psicanalista, Bion afirma que a experiência analítica é um ato solitário, ainda que se dando junto ao seu companheiro de trabalho, o analisando. É dessa solidão, desse suportar o não saber, de tolerar os pectardos das identificações projetivas de elementos betas sem sucumbir, que o psicanalista começa a ouvir ruídos, ritmos, gritos, sussurros, silêncios, tormentas emocionais e turbulências afetivas, tanto em si mesmo quanto no seu parceiro e, com isso, começa a apreender estados primitivos.

Octavio Paz ainda escreve que o poeta “busca sempre comungar, unir-se, ‘reunir-se’, melhor dizendo com seu objeto: sua própria alma, a amada, Deus, a natureza”. O difícil trabalho do uso da contratransferência se instala nesse método e processo. Nosso poeta mexicano ainda vai mais longe e escreve: “O poeta revela a inocência do homem e de seus

instintos... e não em qualquer tipo de palavras... uma ordem que cria as próprias leis e a própria realidade: o poema”. Ato contínuo, o psicanalista, e nesse trabalho é grande a angústia de Bion, necessita procurar um tipo de comunicação, para, quem sabe, transformar elementos beta em alfa, “alfabetizar” mentes, a dele e a do seu analisando, em situações angustiantes de não poder simbolizar, não ter a palavra e o alívio.

Não é fácil para nós todos, analistas, conviver com as turbulências da posição esquizoparanoide e a negatividade de estados “autísticos defensivos”, sem treinar, primeiro com base em nossas análises pessoais, depois em nossas supervisões, “a calma no desespero”. Sabemos que corremos um risco grande de, nesses momentos, os petardos e projéteis de elementos beta, por meio da identificação e da contraidentificação, explodirem a dupla analítica durante uma sessão, ou se dar o rompimento da análise como vitória dos efeitos da pulsão de morte.

Paulo César Sandler, em seu belo artigo “Bion e a poesia” (2010), começa citando Alexander Pope, em *Essays on criticism*, em Chalton, “Pouco saber é algo perigoso/ Beba das profundezas,/ ou o aroma de Pieria ficará perigoso./ Suas gotas ralas intoxicam a mente/ Mas seu pleno sorver nos faz sóbrios novamente”. No que diz respeito à vitória da pulsão de morte, encontro ainda no trabalho de Paulo uma citação de Goethe:

Aponte-me um homem que, estando de mau humor, tenha a coragem de ocultá-lo, de sofrer sozinho sem perturbar a alegria dos que o cercam? Mas o mau humor não seria antes uma irritação íntima devido ao sentimento da nossa própria insuficiência, um descontentamento em relação a nós mesmos, ao qual se junta sempre a inveja espicaçando uma vaidade idiota? Quando vemos algumas pessoas felizes, sem que para isso tenhamos concorrido, essa felicidade nos é insuportável. (Goethe, 1832/1981, citado por Sandler, 2010, p. 156)

Será que os pensamentos selvagens ou extraviados de que fala Bion não são restos de Narcisos e Édipos mal elaborados, que ficaram soterrados em fragmentos que não se vinculam a nada para simbolizar o desastre primeiro, tanto da cena edípica quanto do “trauma do

nascimento”, ou, como pesquisava Bion, antes do nascimento, nas memórias rinencefálicas? Paulo Sandler nos remete a uma alternativa, olhando o vértice estético-artístico:

O artista deixa-se penetrar e inseminar tanto por sua intuição como pelos dados sensoriais, que, simultaneamente, procura de modo intuitivo... O artista interno de cada um, o gerador de sonhos, o “tecelão de mitos”, no dizer de Sapienza e Junqueira Filho, faz do mesmo modo: à espera de um psicanalista que ouça o sonho, se insemine com ele, e, com associações livres, no sonho conjunto que hoje chamamos “sessão psicanalítica”, utilize-o para se aproximar da realidade psíquica de cada paciente. (2010, p. 159)

Ainda citando Bion em *Pensamentos selvagens*, no sentido de nos alertar para essa batalha incansável e interminável que é a experiência analítica:

Será que algumas destas “partículas sobreviventes” podem ser evidenciadas naquilo que se pode observar agora na fala humana da pessoa com quem estamos falando, bem como em nós mesmos que produzimos a fala? Esta me parece ser uma das descobertas fundamentais da psicanálise: estados mentais arcaicos, pensamentos e ideias arcaicas, padrões primitivos de comportamento, tudo isto que pode ser detectável em pessoas mais civilizadas e cultas, já que em pessoas mais primitivas é de se esperar que estejam menos camufladas. (2015, p. 31)

Citando, para terminar, um autor familiar a Freud, o escritor e crítico Thomas Mann, lembro seu artigo “O lugar de Freud na história do espírito moderno”, em que diz

Fazer o avesso ao espírito passar por revolução: o estratagema é possível, porque existe de fato uma revolução contra o espírito, contra a nova ciência, contra o pensamento profundo, contra justamente aquela nova investigação intuicionista da vida que, para usar os termos de Nietzsche, se empenha em “esmagar a razão sob o sentimento”, anunciando a mensagem das camadas

mais fundas da alma, do inconsciente, da dinâmica dos impulsos, da sensualidade – não importam os nomes com que possamos circunscrever o elemento natural-demoníaco... (2015, p. 35)

Acerca de los pensamientos salvajes

Resumen: El autor hace consideraciones acerca de lo que Bion llamó “pensamientos salvajes”, como una experiencia psíquica primitiva donde aún no predominan la palabra y la comunicación verbal de la misma. Restos de un naufragio en que sus elementos no tienen condiciones de formar vínculos y, consecuentemente, pensamientos. En el artículo se hace un enlace con la literatura, usando experiencias vividas por Clarice Lispector en su libro *Água viva*, así como enseñanzas de Octavio Paz y Thomas Mann, en el sentido de subsidiar la aprehensión de la realidad psíquica.

Palabras clave: pensamientos salvajes, disonancia musical, antes del pensar, elaboración de los pensamientos a través de la escritura y la comunicación literaria

About wild thoughts

Abstract: The author makes considerations about what Bion called “wild thoughts”, as a primitive psychic experience where the word and the verbal communication of the same one still do not predominate. Remains of a shipwreck in that its elements are not able to form bonds and, consequently, thoughts. Also in the article he links to literature, using experiences lived by Clarice Lispector in her book *Água viva*, as well as the teachings of Octavio Paz and Thomas Mann, in order to subsidize the apprehension of psychic reality.

Keywords: wild thoughts, musical dissonance, before thinking, elaboration of thoughts through writing and literary communication

Referências

- Bion, W. R. (2007). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2015). *Domesticando pensamentos selvagens*. Londres: Karnac.
- Lispector, C. (1998). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Mann, T. (2015). “O lugar de Freud na história do espírito moderno”. In T. Mann, *Pensadores modernos: Freud, Nietzsche, Wagner e Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Paz, O. (2017). *A busca do presente e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Sandler, P. C. (2010). Bion e a poesia. *Jornal de Psicanálise*, 43(78), 151-172.

Carlos de Almeida Vieira
vieira041144@gmail.com